



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A PAISAGEM AMAZÔNICA, ENTRE PELE, CORPO E AMBIENTE

Cláudia Leão ¹

1. Sobre o Corpo, Pele

O primeiro sistema sensorial a ser formado no embrião humano é o tátil, a pele. Em seis semanas de vida não temos ainda olhos, nem as orelhas, porém já possuímos um corpo-pele de apenas 2,5cm, muito sensível ao toque e altamente complexo. Sobre a epiderme, a sobre camada externa da pele, será constituído todo o sistema tátil, responsável pelas sensações do toque, da pressão de frio e de calor que sentiremos para o resto da vida. A epiderme é constituída pelas terminações nervosas livres, os plexos nervosos, chamados corpúsculos (MONTAGU, 1988). Os corpúsculos de Meissner estão localizados nas nossas regiões mais sensíveis, com exceção dos lábios e da língua; no entanto, são fundamentais ao toque dos nossos dedos, da palma das mãos e dos pés. Os corpúsculos Vater-Pacini, são plexos nervosos maiores e respondem aos estímulos mecânicos de pressão e de tensão. Eles estão presentes na região dos dedos, mais especificamente onde estão as nossas impressões digitais. (MONTAGU, 1986).

A pele, nosso corpo de sensações, nossa capa protetora. A pele é o nosso órgão dos sentidos mais antigo, mais extenso, mais pesado, mais interior e mais exterior. Nosso cérebro, nosso pulmão, nossos olhos, nossos ouvidos, nossa boca, nosso tato e nossas imagens são feitas de Pele. O Antropólogo Ashley Montagu afirma que “tanto a pele quanto o sistema nervoso se originam da mais externa das três camadas de células embriônicas, a ectoderme” (MONTAGU, 1988, p.22). O psicanalista Didier Anzieu compreende da mesma maneira, sendo ainda mais contundente, ao afirmar que a pele não é somente a superfície de contato com o mundo exterior:

El Yo conciente, que dentro del aparato psíquico tiene a ocupar la superficie en contato con el mundo exterior y a controlar el funcionamiento de este aparato. Igualmente se sabe que la piel (superficie del cuerpo) y el cerebro

¹ Artista, Pesquisadora, Professora Doutora
Universidade Federal do Pará – Faculdade de Artes Visuais e PPGARTES –
Coordenadora do Grupo de Pesquisa Lab AMPE
aclaudialeao@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

(superfície del sistema nervioso) derivan de la misma estructura embrionaria, el ectodermo (ANZIEU, 1989, p.118).

A vinculação do mundo psíquico e biológico derivam da ectoderme, que é a camada de pele exterior que envolve o embrião. Ela é a origem de todo o nosso corpo feito de pele, os pelos, os dentes e os órgãos dos sentidos: o olfato, o paladar, o tato e a visão. (MONTAGU, 1988 e ANZIEU, 1989). A pele são nossas imagens, assim como a carne das nossas emoções. A pele nos expõe ao mundo, nos espelha no mundo, e um mundo de coisas penetra em nós.

Para Montagu e Cyrulnik, é a partir da nossa pele que percebemos e aprendemos a sentir onde estamos, qual é o nosso ambiente, o nosso mundo de coisas. Eles afirmam que a pele é o nosso primeiro e mais bem estruturado canal de comunicação. Além de protetor, é um canal de recepção e de exposição, entramos em contato com o ambiente onde estamos imersos, e por meio dela ficarão aparentes as respostas provenientes de todas as alterações físicas, químicas e neuronais, justamente porque ela é altamente preparada e receptiva aos estímulos do mundo.

Extremamente sensível, um pequeno toque sobre a nossa superfície cutânea pode gerar uma, angústia, ansiedade, arrepios, desejo, dor, prazer, suor, lágrima. Anzieu conclui: “La comunicación originária es una comunicación directa en la realidad mas aún en la fantasia, no mediatizada, de piel a piel (ANZIEU, 1989).

Michel Serres nos indica a possibilidade de predomínio do tato sobre os outros sentidos, muito mais potente que a visão, sendo a pele um órgão que media o con(tato), a relação de proximidade, uma vez “tocar fornece a verificação e a confirmação da realidade” (MONTAGU, 1988, p.127); Tocar e ser tocado, é colocar o seu corpo diante do mundo.

Toda descrição é válida na tapeçaria do corpo, indiferentemente. Cada órgão do sentido, insular, forma uma singularidade densa na planície cutânea, diluída. A ilha é tecida com a mesma tela que tece o fundo, cada órgão do sentido envagina-se na mesma pele, espriada por todo o redor. O sentido interno drapeja-se em sua tenda, novo véu, nova tela, mesmo tapete e mesma pele, o sentido interno vela-se de pele (SERRES, 2001, p.49).

Peles são superfícies de contato misturadas à matérias vivas, que tornam-se corpos animados. O que nos remete a toda uma dermatologia do mundo



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

a nossa volta entre pele e cultura, espírito e corpo, corpo-barro, pele-água, pele-ambientes e todos os canais e entranças abertas onde tudo é atravessado. O corpo é atravessado.

Atravessando os territórios entre antropologia e história da arte, Hans Belting, diz que o lugar vivo onde enviamos e guardamos imagens é o corpo, e não os aparatos tecnológicos de captura e armazenamento de imagem que no mundo aparelhado nos insita a transferir. No corpo transitam e se entrecruzam duas categorias de imagens: as endógenas e as exógenas, (WULF, 2000). Para ele, o corpo natural é um corpo individual, que gera o corpo coletivo que alimenta a cultura. É o limite entre os mundos internos e externos, é também o lugar das imagens em que o ambiente da cultura é o corpo.

2. Pele, ambiente, o corpo

Corpo-Ambiente-Pele-Espírito. Para os Yanomami, essas relações são originais e fundam a cosmologia desse povo e ela está posta sobre três eixos importantes: os yarori, os xapiri e utepë.

Os yarori são vinculados aos antepassados animais, há uma ancestralidade dos que existiram no que eles chamam de "primeiro tempo". Os yarori tinham a forma humana, mas eram chamados por nome animal. Essa forma humano+animal, que se transmuta para ser o próprio animal, criando essa figura mesclada que antes era humano-cotia, viraram cutias, humano-abelha, em abelha. E sendo o próprio animal tornam-se fontes de alimento. Suas peles se tornaram animais de caça, mas não o são em espírito. Em um processo de vida e morte, eles se retroalimentam e a transmutação não matou o humano ou animal. Ainda que haja a diferença entre a caça e o yarori, que é ser anterior e resiste, eles, esses seres continuam no ambiente, com nomes de animais sendo então os seres invisíveis que transformam nos imortais xapiri.

Os chamados de xapiri, "são imagens dos ancestrais animais yarori que se transformaram no primeiro tempo. (...) vieram à existência quando a floresta



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

ainda era jovem. Os nossos antigos xamãs os faziam dançar desde sempre e, com eles, nós continuamos até hoje”. (p.111 2015).

Cada um dos seres que vivem na floresta sejam animais ou árvores, insetos, sementes, frutas, são portadores de uma pele, que não é a que cobre o corpo, a essa eles chamam de siki, a capa, o invólucro. Utepë é de outra natureza, ela “é interior, sede da energia e da unidade corporal”. Utepë o que eles chamam de “imagem–essência, corpórea primordial” essas imagens somente os xamãs podem ver “são elas o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos animais. As utepë acessam aos xapiri, as imagens que os xamãs incorporam. Eles são espíritos que dançam. Pode-se dizer que os xapiri, são seres que habitam a floresta, espíritos perfumados enfeitados com plumas. Suspensos, eles não tocam a terra porque é suja e fedorenta. Eles andam sobre uma superfície vítrea que cintila o que seria quase como espelhos, e refletem. Os xapiri protegem a vida como um todo, a vida na floresta, o corpo, as peles, os ambiente, o animais porque tudo está vinculado, ambiente e corpo, sem limite ou separação. Davi Kopenawa nos diz:

Não pensem que a floresta é vazia. Embora os brancos não os vejam, vivem nela multidões de espírito, tantos quantos animais de caça. Por isso suas casas são tão grandes. Tampouco pensem que as montanhas estão postas nas florestas, à toa sem nenhuma razão. São casas de espíritos. Casas de ancestrais. (...) (KOPENAWA, 111 118 e 621. 2015)

Em uma cultura integrada em que não há limites entre o corpo e o ambiente, tudo se mistura, é contaminado e se retroalimenta. O xamã Yanomami, Davi Kopenawa, nos mostra a sua cultura, história, seus corpos e os rituais de seu povo na tentativa de nos ensinar a pensar sobre o que queremos nesse tempo e nesse lugar e sobre qual é o sentido, ou necessidade inexorável da destruição dos ambientes que necessitamos para nossa existência, mas nos quais o processo destrutivo é potente, em larga escala e contínuo. Os garimpeiros nunca deram trégua, juntado com o potencial do minério, do agronegócio e hidrelétrico devastam o povo a floresta e rios da Amazônia.

O filósofo japonês Tetsuro Watsuji, também nos aponta para necessidade de compreender a totalidade do homem em seus lugares, desse corpo nos ambientes. Ele se remete a uma palavra em japonês Ningen seria somente “ser



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

humano". Todavia essa é uma palavra formada por duas palavras Nin (ser humano) + Gen (espaço intermediário). Ningen seria então "ser humano mais integral", o que ocupa o entre, esse é o lugar. O que significa que não há limite entre o ser social, alma, pessoa, espírito, natureza, ambiente e o corpo. Para finalizar, novamente Watsuji sugere juntar Ningen com o ideograma Gaku ficaria Ningengaku, que seria "aprendizagem humana". Aprender ou reaprender, seja, talvez, uma possibilidade para nossa existência.

3. Corpo e paisagem, o rio Xingu

Do que é constituída uma paisagem? Segundo Watsuji, é constituída das relações entre esse corpo integrado, o Ningen no ambiente com sua historicidade e da consciência de si vinculada a uma série de ações sobre o corpo-ambiente. Assim é importante pensar a paisagem não somente como uma das categorias existentes no campo da arte. Todavia, voltando à paisagem Amazônica, quando ela foi difundida no outro lado do Atlântico, a visão dos viajantes que em suas expedições trouxeram artistas, desenhista para registrar e prospectar esse lugar era fundamental olhar a paisagem, na possibilidade de ter uma vista a escapar no horizonte nesse lugar grandioso, porém visto de longe, por uma janela. A vista era a cristalizada imagem dos trópicos: a de uma floresta densa e atravessada por imensos rios que são quase oceano e despovoada, vazia. Uma paisagem quase selvagem, porém onírica, quieta, sem vida, assim foi e continua sendo a visão do que se conhece por Amazônia.

Na tentativa de ouvir os que vivem a paisagem como seu ambiente (en)corpo, aos que são atravessados pelo lugar, pelas águas, que vivem e sobrevivem do rio, de quem vive perto e se mistura à água, que sabe andar sobre as águas, daquele que sua existência está intimamente vinculado a esse lugar. Ao que o geógrafo Eidorfe Moreira, chamou de "apassivamento", ou de corpo-paisagem. São esses, os que poderiam nos contar as suas histórias, as histórias que constituem esse lugar.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

No primeiro projeto de viagens iríamos somente para o rio Amazonas, todavia, chegamos ao rio Xingu, porque a vida sempre nos leva aonde queremos ir de verdade. Era início de abril, depois de três dias de viagem de barco, chegamos a Vitória do Xingu, onde passaríamos um dia. Dormimos na casa de Zila, ela e seus filhos faziam parte das gentes que haviam sido expulsas de seus lugares de vida porque iniciava a execução de mais um projeto com a mesma chancela: “desenvolvimento amazônico”, era a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte em 2011. Zila e sua família, naquele momento, viviam em uma ocupação na periferia de Vitória, na tentativa de permanência e apesar das saudades da Ilha Murici, na Volta Grande do Xingu.

Era cedo quando saímos em direção a Altamira. Entramos na cidade muito lentamente, os buracos na terra e no asfalto possibilitavam ver muito devagar o cenário de destruição. Altamira desmontada. Altamira vermelha. Altamira desencantada. Altamira Triste. Alta(Mira). Eram os rastros da grande obra em todos os cantos. Ali na entrada da cidade, de longe avistávamos as casas nos “baixões”, algumas ainda permaneciam de pé, resistindo às máquinas, aos caminhões, aos escombros e à lama. Histórias enterradas. Casas foram destruídas, derrubadas, pertences espalhados no meio de escombros enquanto seus donos trabalhavam no meio do rio. As pontes que antes levavam às casas dos vizinhos, ou à rua, não chegavam mais a lugar algum, eram solitárias, pontes que caíam no nada e aos poucos se destruíam. Uma atmosfera de abandono, impotência e resistência. A cidade ocupada pela Norte Energia Sociedade Anônima (NESSA), assinalava nas placas delimitava qual era o espaço destinado à construção UHE de Belo Monte em Altamira com as palavras de ordem: “Não Ocupe ou Construa área protegida conforme declaração de utilidade pública”. Tudo nesse entorno e mais o território da Volta Grande, foi desocupado para forjar essa outra História. Dentro do táxi que nos levava até o Mercado Municipal, perguntei ao motorista o que de bom havia naquilo tudo que a Norte Energia estava fazendo. Ele respondeu: “É nada... a gente tem é ficar de olho, porque depois que acabar essa obra vai ter é gente jogada dentro d’água, esse pessoal aqui.”(sic)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Figura 1: Baixão do Tufi, Altamira, 2015 Fotografia: Claudia Leão

Chegamos ao Mercado Central de Altamira, e lá pegamos o ônibus que nos levaria ao kilometro 23 da Rodovia Transamazônica (BR-230). Élio Alves nos esperava para nos levar no final da rua, na sua “nova” casa, em uma pequena chácara arrodada por pés de cacau. Élio, um pescador que vivia na Vila de Santo Antônio, foi um dos fundadores dessa comunidade constituída por 60 famílias que vieram para região Amazônica dentro do programa de ocupação do Governo Federal entre as décadas de 1960 e 1970. A Vila de Santo Antônio, localizada no km 50 da Rodovia Transamazônica, existiu por cerca de 40 anos. Entretanto em 2011, quando iniciou o processo de desocupação para dar lugar dar início a construção da barragem da UHE Belo Monte. As famílias ainda tentaram um acordo para saírem juntas para um lugar em que eles permanecessem juntos. Entretanto, estratégias de desarticulação de movimentos coletivos foram usadas exaustivamente pelo “empreendedor” de Belo Monte e o acordo não foi firmado. E todos que ali vivem uma relação de proximidade, avizinhamento, amizades, convivência cotidiana, ajuda mútua, foram separados. Alguns ainda conseguiram permanecer na beira do rio nas comunidades do Bambu, Limão, mas a maior parte foi salpicada ao longo da Rodovia Transamazônica, e alguns estão até a 270 km do rio Xingu, pessoas que antes viviam a apenas 600 metros.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Élio foi obrigado a mudar de vida em um período curto. Na mudança foi separado dos amigos, compadres e de seus filhos. Elisane, a Nega, que vivia com sua pequena família na casa ao lado, vive agora a 74 km de distância do pai, e sempre com a possibilidade de mudança para Anapu, pois, desde quando saiu da Vila, vive em uma casa emprestada. Seus companheiros de trabalho na pesca do Carí e de outros peixes que vendia no Mercado de Altamira, também estão longe. Como Élio, muitos desterrados (ou desaguados) de Belo Monte se intitulam de “pescador sem rio”, e também de outros nomes presentes em relatos cujos interlocutores se autodenominam, de “mortos-vivos de Belo Monte”, os sem-casa, sem-lugar, sem-amigos, sem-família, os sem-rio.

Retornar ao mesmo lugar para pescar e buscar suas lembranças tornou-se, para Élio, uma maneira de estar ali, vivo. Porém, para entrar no rio Xingu, que antes estava era muito perto, agora ele precisava de tempo para pegar um ônibus no kilometro 23, atravessar Altamira, tomar outro ônibus até o kilometro 45, no outro lado da Transamazônica e ainda percorrer mais 6 km em direção a beira do rio Xingu, para a casa de um amigo onde guardava as seus utensílios de pesca, redes, tarrafas, a rabeta.

Incansavelmente, Élio retorna ao mesmo lugar para pescar seu alimento e buscar todas as suas lembranças, suas saudades. Muitas saudades. Naqueles dias voltamos com ele ao rio Xingu para que ele mostrasse onde vivia. De manhã muito cedo subimos a rabeta e fomos em direção a Vila de Santo Antônio... pouco se conseguiu “ver” do que ele descrevia com uma minúcia infinita: “ali era onde a gente morava”, “aqui eram onde a gente pescava”, “aqui era nossa lugar das festas de Santo Antônio”, “aqui eu pescava”, apontava para baixo, pois, é sob as pedras que formam o Xingu, onde os Caris se escondem. Mas, o que olhar diante de uma parede gigantesca e ver que nada mais vai voltar para trás? E que a única possibilidade que lhe resta diante daquele paredão, é seguir longe dali.

Durante as vezes que voltamos ao rio Xingu na companhia de seu Élio, ele nunca deixou de voltar ao mesmo lugar onde ele pescava para buscar os peixes e as tartarugas que estariam nos remansos de Santa Helena ou Bela Vista. Porém



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

as bombas, o barulho das máquinas, as pedras deslocadas, o movimento brusco das águas remexidas e a luz incessante da Usina alteraram aquele mundo e mataram onde ele e outros buscavam se alimentar.

Seu Élio, seu João, seu Otávio, Zila, Maria, e muitos outros nomes, os que viviam na beira do rio e compreendiam as relações possíveis naquele ambiente chamando Xingu, não vivem mais ali, estão longe.

Élio repete incansavelmente a sua nova condição, “o pescador sem rio”. Ele faz novos percursos, são pequenos vídeos, suas poesias sobre o rio são gravadas e são de alguém que sente saudades daquilo que foi. É uma fala é política de quem sabe de si e do outro próximo. Ele se pergunta qual o sentido de barrar o rio para gerar energia elétrica, sendo que o rastro deixado é de uma violência sem dimensão



Figura 2: Rio Xingu, Santa Helena, 2015 Fotografia: Cláudia Leão

É muito difícil passar incólume diante de tanta violência, diante daquela destruição, diante da injustiça, diante de histórias vida, as poucas que pude conhecer de perto e de outras que li em relatos, entrevistas. No dia em que conversamos dentro de um barco no lago que fica atrás de sua “nova casa”, Élio me perguntou o que eu poderia fazer para que as pessoas de muito longe soubessem o que eles viviam, viveram e vivem naquele lugar depois da construção da UHE de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Belo Monte. A pergunta dele fez eu me sentir muito pequena, nesse lugar imenso cheio e águas, terra vermelha e com tantas histórias injustas. Disse ele que eu poderia fazer seria tão pouco. Que poder teria para ajudá-lo na sua dor?... Entretanto, existe um compromisso com essa gente e com esse lugar ao qual eu pertença. Contar essas histórias aqui faz parte dessas pequenas ações para abrir frestas para que possamos passar.

Para finalizar gostaria de citar trechos que venho compilando e colhendo para relatar, além das histórias que ouvi, outras, que de algum modo estão registradas, escritas em matérias, artigos sobre os desterrados de Belo Monte:

No dia 30 de agosto de 2015, a Ilha Arapujá, localizada em frente a Altamira, foi queimada. A derrubada da floresta na ilha escancarou o violento impacto ambiental de Belo Monte por destruir irremediavelmente a mais bela visão do rio para os moradores da cidade. Para Antonia Melo, do movimento Xingu Vivo para sempre: “O mais terrível é que estes assassinos estão fazendo este massacre sem nenhum acompanhamento de grupos de salvamento dos animais. Hoje a ilha amanheceu com o céu preto de urubu, como se fosse um enxame. É simplesmente desesperador ver esse crime sendo cometido bem na nossa frente.

Essa usina é do tamanho desse povo. É grandiosa. É uma usina grandiosa. A melhor forma de descrever Belo Monte é essa palavra: grandiosa.

No momento em que Dilma discursava, quatro crianças indígenas já tinham morrido de gripe no período de dois dias, entre 29 e 30 de abril. É importante lembrar de seus nomes em tão curta vida: Kinai Parakanã, 1 ano; Irei Xikrin, sete meses; Kropiti Xikrin, 11 meses; Kokoprekti Xikrin, 1 mês e 22 dias. Em documento datado de 1 de maio, o Distrito Sanitário Especial Indígena de Altamira relata a gravidade do surto de síndrome gripal nas aldeias, com a ocorrência de diarreia, especialmente para as crianças de até cinco anos. Assim como a deficiência da estrutura para combater a ameaça à saúde indígena. Naquela semana, a Norte Energia promoveu o I Festival de Cultura Indígena Asurini e Araweté, com a presença de dezenas de pessoas dessas etnias. O surto de gripe em curso foi ignorado nos festejos. As homenagens viraram morte.

– Quero dizer que esse empreendimento de Belo Monte me orgulha muito pelo que ele produziu de ganhos sociais e ambientais. De acordo com a presidente Dilma Rousseff, a construção vai levar o desenvolvimento para o Brasil e, principalmente para região Norte.

Semanas antes dessa demonstração de orgulho da presidente pelo seu legado no Xingu, em 15 de abril, Raimunda se manifestou numa reunião sobre o destino dos ribeirinhos “removidos” por Belo Monte. Falavam muito em “critérios”. Raimunda então disse: “Quero saber qual foi o critério para os defuntos que vocês mataram mas não enterraram”. E lembrou de João, seu marido, “um dos mortos-vivos de Belo Monte”.

O que Dilma Rousseff define como “controvérsias” ou o desconhecimento sobre o que é Belo Monte seriam as 25 ações movidas pelo Ministério Público Federal, uma delas acusando o Estado e a Norte Energia pelo etnocídio – morte cultural – de povos indígenas? Ou a controvérsia seria a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

mesada de 30 mil reais em mercadorias que as aldeias atingidas receberam por dois anos da empresa, como se o Brasil estivesse fixado no ano de 1500, ao trocar vida por espelinhos? Ou o aumento de 127% da desnutrição infantil nas aldeias neste período? Ou os milhares de atingidos abandonados em total desamparo pelo seu governo, “negociando” diretamente com a Norte Energia, já que a Defensoria Pública da União só conseguiu alcançar Altamira quando a obra já estava perto da conclusão? Ou todos aqueles que assinaram com o dedo papéis que não eram capazes de ler, mas que os condenavam ao desterro?

REFERÊNCIAS

CYRULNIK, Boris. **Do Sexto Sentido: o homem e o encantamento do mundo.** Coleção Epigeneses e Desenvolvimento. Lisboa. Instituto Piaget. 1997

DIDIER, Anzier. **O Eu Pele.** Tradução Zakie Yazigi Razkallah e Rasaly Mahfuz. Saõa Paulo. Casa do Psicólogo, 1989.

KOPENAWA, Albert; BRUCE, Davi. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami.** Tradução Beatriz Perrone-Moisés.; 1º. Edição – São Paulo : Companhia das Letras. 2015.

MONTAGU, Ashley. **O Tocar; o significado humano da pele.** Tradução: Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus. 1988.

MOREIRA, Eidorf. **Idéias para uma concepção geográfica da vida.** H. Barra. Belém. 1960.

PEIXOTO, Luana Beatriz Lima. **Em Busca do Cari Zebra: aprendizagens submersas na Amazônia.** Trabalho de Conclusão de Curso Artes Visuais. UFPA. 2013.

SERRES, Michel. **Os Cinco Sentidos: filosofia dos corpos misturados;** tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

WATSUJI, Tetsuro. **Antropologia del paisaje: clima, cultura e ambientes.** Traducción del japonés: Juan Masia y Anselmo Mataix. Ediciones Sigueme S.A.U. Salamanca. 2006.

SITES CONSULTADOS

<http://www.prpa.mpf.mp.br/remocao-forcada-de-ribeirinhos-por-belo-monte-provoca-tragedia-social-em-altamira>

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/18/opinion/1468850872_994522.html

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html